Sonetos Amorosos

I

Enquanto quis Fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse
Minha escritura a algum juízo isento,
Escureceu-me o engenho co tormento
Para que seus enganos não dissesse.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades! Quando lerdes
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são e não defeitos
E sabei que, segundo o amor tiverdes
Tereis o entendimento de meus versos.

Sonetos Amorosos

II

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dois mil acidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que o Amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados
Temerosa ousadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-ei dizendo a menor parte.

Porém, para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

Sonetos Amorosos

III

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que, em vivo ardor, tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio,
O mundo todo abarco, e nada aperto.

É tudo quanto sinto um desconcerto
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando,
Num'hora acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar um'hora.

Se me pergunta alguém porque assi ando,
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha senhora.

Sonetos Amorosos

IV

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está ligada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que como um acidente em seu sujeito,
Assim com a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia,
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

Sonetos Amorosos

V

Passo por meus trabalhos tão isento
De sentimento grande nem pequeno,
Que, só pela vontade com que peno
Me fica Amor devendo mais tormento.

Mas vai-me Amor matando tanto a tento
Temperando a triaga co veneno,
Que do penar a ordem desordeno
Porque não mo consente o sofrimento.

Porém, se esta fineza o Amor sente
E pagar-me meu mal com mal pretende,
Torna-me com prazer com ao sol neve.

Mas se me vê cos males tão contente
Faz-se avaro da pena, porque entende,
Que, quanto mais me paga, mais me deve.

Sonetos Amorosos

VI

Todo o animal da calma repousava
Só Liso o ardor dela não sentia,
Que o repouso do fogo em que ele ardia,
Consistia na Ninfa que buscava.

Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia,
Mas nada o duro peito comovia,
Que na vontade de outrem posto estava.

Cansado já de andar pela espessura,
No tronco de uma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:

“Nunca ponha ninguém sua esperança,
Em peito feminil, que de natura,
Somente em ser mudável tem firmeza”.

Sonetos Amorosos

VII

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas equivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, com quanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde,
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como, e dói não sei porquê.

Sonetos Amorosos

VIII

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo ser de vossos olhos belos,
Se não perder a vista só em vê-los,
Já não paga o que deve a vosso gesto.

Este me parecia preço honesto
Mas eu, por de vantagem merecê-los,
Dei mais a vida e alma por querê-los,
Donde já me não fica mais de resto.

Assim que a vida e alma e esperança
E tundo quanto tenho, tudo é vosso,
E o proveito disso eu só o levo.

Porque é tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

Sonetos Amorosos

IX

Quando da bela vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento,
Que tão elevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o Paraíso.

Tanto do bem humano estou diviso
Que qualquer outro bem julgo por vento,
Assim que em caso tal, segundo sento,
Assaz de pouco faz quem perde o siso.

Em vos louvar, Senhora, não me fundo,
Porque, quem vossas cousas claro sente,
Sentirá que não pode merecê-las.

Que de tanta estranheza sois no mundo,
Que não é de estranhar, Dama excelente,
Que quem vos fez fizesse céu e estrelas.

Sonetos Amorosos

X

Doces lembranças da passada glória,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me descansar em paz uma hora,
Que comigo ganhais pouca vitória.

Impressa tenho n'alma larga história,
Deste passado bem que nunca fora,
(Ou fora, e não passara); mas já agora,
Em mim não pode haver mais que a memória.

Vivo em lembranças, morro de esquecido,
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente.

Oh! Quem tornar pudera a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

Sonetos Amorosos

XI

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou,
Da mágoa, sem remédio, de perder-te.

Roga a Deus, que teus anos encurtou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Sonetos Amorosos

XII

Num bosque que das Ninfas se habitava,
Sílvia, Ninfa linda, andava um dia,
E subida numa árvore sombria,
As amarelas flores apanhava.

Cupido, que ali sempre costumava,
A vir passar a sesta à sombra fria,
Em um ramo arco e setas que trazia,
Antes que adormecesse, pendurava.

A Ninfa, como idóneo tempo vira
Para tamanha empresa, não dilata,
Mas com as armas foge ao Moço esquivo.

As setas traz nos olhos, com que tira
Ó Pastores! Fugi, que a todos mata,
Senão a mim, que de matar-me vivo.

Sonetos Amorosos

XIII

De vós me aparto, ó vida! Em tal mudança,
Sinto vivo da morte o sentimento,
Não sei para que é ter contentamento,
Se mais há-de perder quem mais alcança.

Mas dou-vos esta firme segurança,
Que, posto que me mate o meu tormento,
Pelas águas do eterno esquecimento,
Segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
Que com qualquer cous'outra se contentem
Antes os esqueçais, que vos esqueçam.

Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereçam
A glória que em sofrer tal pena sentem.

Sonetos Amorosos

XIV

Cara minha inimiga, em cuja mão
Pôs meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mim consolação.

Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina formosura,
Mas, enquanto a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharão.

E se meus rudos versos podem tanto,
Que possam prometer-te longa história
Daquele amor tão puro e verdadeiro,

Celebrada serás sempre em meu canto,
Porque, enquanto no mundo houver memória
Será minha escritura o teu letreiro.

Sonetos Amorosos

XV

Aquela triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Enquanto houver no mundo saudade,
Quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada,
Saía, dando ao mundo claridade,
Viu apartar-se d'uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu lágrimas em fio,
Que de uns e de outros olhos derivadas
Se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela ouviu as palavras magoadas,
Que puderam tornar o fogo frio
E dar descanso às almas condenadas.

Sonetos Amorosos

XVI

Se quando vos perdi, minha esperança,
A memória perdera juntamente
Do doce bem passado e mal presente,
Pouco sentira a dor de tal mudança.

Mas Amor, em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi ledo e contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.

De coisas de que apenas um sinal,
Por as ter postas já em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido.

Ah, dura estrela minha! Ah, grão tormento!
Que mal pode ser mor que, no meu mal,
Ter lembranças do bem que é já perdido?

Sonetos Amorosos

XVII

Em formosa Leteia se confia,
Por onde vaidade tanto alcança,
Que, tornada em soberba a confiança,
Com os deuses celestes competia.

Porque não fosse avante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança),
Em efeito puseram a vingança,
Que tamanha doudice merecia.

Mas Oleno, perdido por Leteia,
Não lhe sofrendo Amor que suportasse
Castigo duro tanta formosura,

Quis padecer em si a pena alheia,
Mas, porque a morte Amor não apartasse
Ambos tornados são em pedra dura.

Sonetos Amorosos

XVIII

Males, que contra mim vos conjurastes,
Quando há-de durar tão duro intento?
Se dura porque dura meu tormento,
Baste-vos quanto já me atormentastes.

Mas se assim porfiais, porque cuidastes,
Derrubar meu tão alto pensamento,
Mais pode a causa dele, em que o sustento,
Que vós, que dela mesma o ser tomastes.

E pois vossa tenção, com minha morte,
Há-de acabar o mal destes amores,
Dai já fim a tormento tão comprido.

Por que de ambos contente seja a sorte,
Vós, porque me acabastes, vencedores,
E eu, porque acabei de vós vencido.

Sonetos Amorosos

XIX

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta
Nas lindas faces, olhos, boca e testa,
Boninas, lírios, rosas debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto pode manifesta
Que o monte, o campo, o rio e a floresta,
Se estão de vós, Senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruto dessas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda Dama
Que semeasse Amor em vós amores,
Se vossa condição produz abrolhos.

Sonetos Amorosos

XX

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida.

Começa de servir outros sete anos
Dizendo: "Mais servira, se não fora,
Para tão longo amor tão curta vida".